

LIBERDADE

FATO OU ILUSÃO?

Clóvis de Barros Filho
Gustavo Dainezi

LIBERDADE

FATO OU ILUSÃO?



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
© 2022 Clóvis de Barros Filho
© 2022 Gustavo Dainezi

Produção editorial
Ciranda Cultural

Editora
Michele de Souza Barbosa

Diagramação
Linea Editora

Preparação
Luciana Garcia

Design de capa
Ana Dobón

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F481l	Filho, Clóvis de Barros
	Liberdade: fato ou ilusão? / Clóvis de Barros Filho ; Gustavo Dainezi. - Jandira, SP : Principis, 2022. 192 p. ; 15,50cm x 22,60cm. ISBN: 978-65-5552-761-2
	1. Autoajuda. 2. Liberdade. 3. Ensaios. 4. Discussão. 5. Atualidade. 6. Reflexão. I. Dainezi, Gustavo. II. Título.
2022-0633	CDD 158.1 CDU 159.947

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Autoajuda : 158.1
2. Autoajuda : 159.947

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

A você que marcou para sempre e a você que está
para chegar e já mudou tudo para sempre.

GUSTAVO DAINEZI

SUMÁRIO

Prefácio	9
Capítulo de advertência.....	11
Capítulo 1 – Alumiados a meias.....	15
Capítulo 2 – 38 na cabeça.....	19
Capítulo 3 – Já escolheu sua imperfeição de hoje?	26
Capítulo 4 – Sai da frente, olha a sombra!.....	31
Capítulo 5 – Vontade sufocada.....	39
Capítulo 6 – Átomos que caem na diagonal	43
Capítulo 7 – Catar coquinho.....	52
Capítulo 8 – Fogo da liberdade.....	56
Capítulo 9 – Bosta de esconderijo.....	65
Capítulo 10 – Entre dedos e caracóis.....	73
Capítulo 11 – O vizinho do Badaró	79
Capítulo 12 – Toro raivoso.....	84
Capítulo 13 – Marcando a data.....	90
Capítulo 14 – Cárcere e campo.....	99
Capítulo 15 – Lobo de si mesmo	108
Capítulo 16 – Gás ou silicone?.....	114
Capítulo 17 – Terêncio para senador.....	121

Capítulo 18 – Muletas ao chão, adoradores da terra	131
Capítulo 19 – Feios, sujos e desapegados	140
Capítulo 20 – Na Califórnia é diferente.....	147
Capítulo 21 – O ringue da humilhação	158
Capítulo 22 – A má-fé e o seu contrário, Antônio	165
Capítulo 23 – Saltitar esperançoso do rebanho.....	169
Capítulo último – Encha a casa de divertidos convidados, o tempo que puder!.....	184

PREFÁCIO

Sou mulher, preta, pobre e fui mãe solo por alguns anos. Sofri na pele e na alma, com a mais profunda intensidade, todos os males que esses estigmas carregam em si. Desde estupro, agressão e exploração a abandono e violência psicológica. Sempre foi muito difícil estar viva e por muitos anos acreditei que era minha responsabilidade todo aquele sofrimento. Não tinha noção do peso da sociedade, da cultura, das classes sociais e do porquê de tantos fatores externos me atacarem só por eu ter nascido.

Em 2014 eu passei o Natal e o Ano-Novo fazendo o curso do professor Clóvis que estava disponível no Espaço Ética (guardo o certificado com muito orgulho), sozinha e sem perspectiva de vida. Mas, com aquele curso, eu consegui enxergar que existem forças muito maiores que movem o mundo e também que, há séculos, as pessoas se questionam e pensam sobre como a vida pode e deve ser boa. Eu entendi que posso escolher onde colocar minha atenção, meus hábitos e meus sentimentos. Entendi também que sou responsável por mim e não pelo que fizeram comigo e, finalmente, que sou livre para deliberar sobre a minha vida, apesar das marcas históricas que carrego sem nem mesmo ter escolhido por elas.

Tatuei em 2018 a palavra Liberdade, nesta cor próxima à cor das minhas veias e no pulso como símbolo que troca as algemas pela palavra. Foi neste ano que consegui ressurgir de dentro de mim, e minha fonte de inspiração sempre foram as belas palavras do professor Clóvis. Ele disse tantas e tantas vezes “fica bem” que eu fiquei!

CAMILA SANTOS

CAPÍTULO DE

advertência

– Tudo isso, fora o glamour.

Com esse item, muitos clientes e até amigos costumam arrematar a lista das vantagens de “ter virado palestrante”. Dissipação definitiva de toda eventual dúvida.

Impossível negar ou dissimular. Havia tirado a sorte grande. A Divina Providência me guiara com holofotes náuticos. E o acaso, em rara concórdia entre suas caprichosas variáveis, decidira, por fim, dar uma força, enfileirando surpreendentes impactos alegradores.

* * *

“Glamour” já teve sua glória. Seu próprio glamour. Hoje ocupa a tumba 442 da ala norte do cemitério das palavras.

Até que, muito de vez em quando, algum incauto desatualizado aposta suas fichas no estrangeirismo de pequeno porte e o ressuscita. Seja por conhecer bem as gentes do auditório e intuir o que lhes faz bem à alma, seja para salvar frase de pouca relevância e não perder a fluência buscando um sinônimo menos antigo.

Na falta de algo melhor, vai “glamour”.

* * *

– Todos sonham com uma vida assim glamourosa como a sua!!!

Quando, pela enésima vez, alguém solta uma dessa, a personagem que incorporo antes e depois do palco meneia a cabeça, vertical e curtinho. Para não danificar mais a cervical. É a síntese de uma vida inteira, em corriqueira cena de enfado, na representação de mim mesmo para o teatro da vida cotidiana.

Acompanha o gesto um “ã-hã” de confirmação. Com zero de autenticidade e 200% sisudo, para não dar brecha à ironia.

* * *

Os primeiros parágrafos de grandes obras de literatura são sempre arrebataadores. Rompem espetacularmente a inércia narrativa, inauguram um mundo fictício que não existia antes, situam o leitor ante o que está por vir e indicam, desde as primeiras palavras, a excelência daquela construção literária.

O que você leu até aqui também dá o tom: deixa você na mesma, como se nada tivesse lido, não cria um universo ficcional, não te dá ideia alguma do que está por vir e indica a indigência literária que te acompanhará ao longo das páginas.

Bem. Se o leitor quisesse boa literatura, teria comprado Stendhal, Céline, Tchekhov ou Rubem Braga. As obras desses autores exigem imensa atenção a como se manifestam, tanto quanto ao que dizem.

Já entre nós, você não precisa se dar esse trabalho. Pode ir direto ao assunto. Como quem lê um artigo sobre o desgaste do solo por cultivo sem descanso no interior do Maranhão. Ou ainda uma reportagem policial cobrindo estupro de anciã em manicômio.

No mundo dos livros, como em todos os outros, apostar no desconhecido pode até dar certo. Mas o nosso título jogou limpo com você: como ralar a vida inteira sem sair do lugar. Na troca da autoajuda por autocomiseração, para a qual você não precisa de lição alguma, sobrou o que talvez importe ainda menos. A liberdade. E algumas histórias a respeito.

LIBERDADE: FATO OU ILUSÃO?

Não foi por falta de aviso. Sabe quando alguém pisca um olho só, fazendo até careta, para te alertar de uma roubada? Então, foi esse o nosso intuito. Só não fomos além, desaconselhando mais explicitamente a leitura, para não entristecer a editora, por quem também temos apreço.

* * *

Sempre me perguntei como se sentem os que alcançam a glória. Um reconhecimento endeusado. Celebridade de todo mundo, de todo dia.

Livres? Certamente. Afinal, sobejamente autorizados, podem fazer o que bem entendem. Sem pedir licença alguma. Digo, na esfera criativa de seus ofícios.

Escravos? Tanto quanto livres, ou mais. Vítimas de uma excelência traduzida em expectativa. De uma disponibilidade presumida a todo tempo e lugar. De intimidades unilaterais fantasiadas pelo fã.

* * *

Pobre do pianista ídolo do público, isolado como um naufrago diante do mar negro em plateia, enfrentando o piano polido, apelando para os dedos hábeis, mas de carne, osso e tendinites, como os demais dedos do mundo.

Triste craque de futebol que enfrenta o gramado, a capacidade sempre temível do adversário, as incertezas do jogo, a esfericidade traiçoeira da bola e a reação implacável da massa que o assiste.

E, claro, bendito escritor consagrado, com a folha de papel em branco diante de si: sabem lá o que é desespero de não poder inventar, a agonia de se sentir fracassar.

A mente vazia, sem riqueza de ideia, sem desenho de forma, poço seco onde só há areia e pedra... E assim mesmo o relógio correndo, espírito contra a parede, em luta consigo mesmo por um fiapo de frase... E não qualquer frase. Angústia.

Sim, passado o momento decisivo da criação, há o aplauso, o dinheiro, o renome, a consagração... até a liberdade...

“Mas é com o velho corpo que se paga”, lamentava o velho Clóvis de Barros, “quando a cabeça não presta”. E quando presta também, ousou acrescentar.

Para lembrar uma querida cearense:

– Isso quando também a alma não vai de roldão.

* * *

Logo, é possível sentir-se livre e escravo. Na mesma situação. Pela mesma causa. E quase ao mesmo tempo.

Pondo na balança, melhor deixar do jeito que está. Decair, impossível, quando já se mora no térreo. E comprar pão na padaria sem ter que saudar desconhecidos a cada passo, permissão libertadora que só o anonimato profundo chancela em três vias.

CAPÍTULO

1

Alumiados a meias

Era mais um dia desses, de glamour. Com despertar, às 4h20, solicitado pessoalmente na recepção e recomendação chorada de quem não poderia perder o primeiro voo, de jeito nenhum.

O hotel ficava – e talvez ainda fique – na Avenida Afonso Pena, de BH. Cidade com amor de doce de leite.

Havia um café de ontem à disposição dos madrugadores. No salão – bem protegido por quatro pilares zelosos de robustez –, as moscas pareciam se divertir escapulindo de espíritos desinformados. Era muito comum por ali. Acertavam o hotel, mas ignoravam o quarto dos hóspedes a visitar.

Era preciso aguardá-los na recepção. E abordá-los no saguão mesmo. A caminho do táxi. Na porta giratória, quem sabe.

Se a regra de manual para entes imateriais sempre impôs encontros com corpos de carne e osso longe de seus domicílios – sabidamente, o vuco-vuco familiar oblitera os canais de acesso ao suprassensível –, o entra e sai dos viajantes tampouco aguçava sensibilidades de segundo grau.

* * *